



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

Intervenção de Carlos Lage **Presidente da CCDR-N**

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Rio,
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. António Costa,
Senhor Presidente do Conselho Regional, Dr. Francisco Araújo,
Senhor Deputado e ex-Presidente da Assembleia da República e do
Governo Regional dos Açores, Dr. Mota Amaral,
Senhor Dr. António Vitorino,
Senhora Governadora Civil do Porto, Dra. Isabel Santos,
Senhores Conselheiros das Presidências dos Governos Regionais da Galiza
e de Castela e Leão,
Senhores Deputados,
Senhores Presidentes de Câmara Municipal,
Senhores oradores,
Senhores Vice-Presidentes da CCDR-N e Vogais da Comissão Directiva do
Programa Operacional Regional do Norte,
Caros convidados,
Minhas senhoras e meus senhores,



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

Começo por saudar e agradecer vivamente a presença de todos e, especialmente, como não poderia deixar de ser, do notável conjunto de oradores deste seminário, que promete ser, assim, um dos mais marcantes acontecimentos recentes, no país, sobre os desafios da regionalização: a reforma do Estado, o aprofundamento da responsabilidade democrática, o futuro das políticas de coesão e desenvolvimento.

Saúdo, muito especialmente, nesta abertura, os senhores presidentes dos Municípios do Porto e Lisboa, o Dr. Rui Rio e o Dr. António Costa, personalidades da vida nacional e pessoas que muito estimo e considero, no plano intelectual e político. Oferecem-nos – bem como todos os ilustres participantes - generosamente a sua reflexão e a sua experiência. A sua simples presença dispensam-me justificações sobre a importância e a oportunidade desta iniciativa.

De facto, caso não fosse pertinente construir consensos em torno da regionalização, como factor essencial à qualificação da nossa democracia, não teríamos seguramente reunido neste dia nomes, vozes, inteligências, linguagens e tendências políticas tão diversas. É este um bom sinal e uma boa notícia: um sinal de que o tema está vivo; a boa notícia é que o imperativo constitucional da regionalização, postergado e adiado *sine dia*, está de regresso à agenda política e, mais importante ainda, começa a despertar o interesse e a atenção dos cidadãos.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

Esta é uma iniciativa militante, mas isenta de proselitismo. Não pertencemos a nenhuma seita milenarista. Todavia não desarmamos as nossas convicções nem calamos o nosso inconformismo com a situação do país e, em especial, da sua região mais populosa, mais industrializada, mais exportadora – a Região Norte. Não usamos as palavras “debate” e “convergência” como truques de uma retórica artificiosa, mas como princípios inspiradores da própria natureza e finalidades da reforma que preconizamos como uma necessidade para a coesão, o desenvolvimento e a modernização de Portugal. A regionalização nunca se fará na base de divisionismos ou radicalismos, mas de consensos – consensos concretos, responsáveis, consequentes.

Em boa ética democrática e constitucional a realização do desígnio regional não deve continuar letra morta. A paciência vai-se esgotando e não queremos ser derrotados pelo cansaço. Não aceitamos ficar absurdamente à espera de um “Godot” regional. Pedindo de empréstimo o conceito ao filósofo Jürgen Habermas, diríamos que a regionalização deve traduzir-se num “agir”, num “agir comunicacional”. É esse tipo de acção que eu próprio, a CCDR-N e o Conselho Regional, presidido pelo Sr. Dr. Francisco Araújo, com quem tenho tido o gosto de cooperar, temos procurado levar ao espaço público e é esse o sentido profundo desta iniciativa.

Para muitos talvez – e com uma certa razão – organizamos este acontecimento em contra-corrente. Ou ao arrepio do que seria



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

politicamente correcto, previsível e óbvio. À política pede-se, porém, que não se limite ao que é fácil, previsível ou à pura administração do existente e do quotidiano, mas que faça acontecer aquilo que, de outro modo, sem a própria política, não aconteceria.

Vivemos numa espécie de hipnose colectiva em torno de uma crise que ameaça paralisar e anular qualquer capacidade de resposta, qualquer disposição colectiva de esperança, qualquer esboço de reforma. Isto sim é insustentável, para usar uma palavra que entrou recentemente no jargão da política nacional.

Portugal e as suas regiões enfrentam um desafio político e económico que nenhuma crise pode adiar e que nenhum ambiente depressivo mediático pode atirar para segundo plano: a prioridade de construção de um novo modelo de desenvolvimento, com objectivos de maior competitividade e coesão. A situação do país e, em especial do Norte, reclamam, hoje, uma maior eficácia na concepção e aplicação das políticas públicas e dos instrumentos comunitários da coesão, uma nova racionalidade na gestão dos recursos financeiros e humanos, uma mais efectiva capacidade de mobilização das energias e talentos regionais, um aprofundamento da responsabilidade democrática. A construção das Regiões em Portugal, pode ser, afinal, o fermento indispensável para fazer ressurgir o país, com a contribuição activa, política, económica e cultural, das suas diversas partes.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

A coesão económica e social que justificou politicamente os Fundos Estruturais no quadro europeu, não se realizou no interior do nosso território, persistindo e tendo-se acentuado mesmo em alguns casos, as disparidades inter-regionais. Portugal é habitualmente apresentado segundo a imagem do Estado mais centralista da União Europeia e como aquele que menos progrediu, em matéria de convergência económica entre os quinze Estados Membros anteriores ao alargamento a Leste.

Será possível traçar algumnexo causal entre a criação de regiões e desenvolvimento? Não sei, mas não parecem faltar evidências que vão nesse sentido. Temos à mão, aqui ao lado, o caso das regiões espanholas e, entre nós, o acentuado progresso na convergência da Madeira e dos Açores – as nossas duas únicas regiões autónomas – tradicionalmente as regiões portuguesas mais pobres. Acabemos de uma vez por todas com o mito, melhor dizendo, com o fantasma, de que a regionalização arrasta consigo empolamentos administrativos, esbanjamento de recursos públicos. Mesmo em épocas de crise e de austeridade orçamental como aquela que atravessamos, pode fazer-se a regionalização sem comprometer a redução e posterior equilíbrio das contas do Estado. Não tenho conhecimento de que as regiões tivessem atrapalhado o desenvolvimento de qualquer país ou constituam barreiras às políticas de contenção da despesa pública. Não tenho, muito menos, conhecimento de que algum país se tenha “desregionalizado”.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

Por muitas voltas que se dê à máquina do Estado, por engenhosas que sejam os expedientes para superar as suas inércias, lacunas, excessos ou barroquismos, incorreremos numa vã ilusão se acreditarmos que venceremos estes vícios sem alterarmos o modelo tradicional de governação e organização do Estado, sem vencermos a macrocefalia da capital política do país.

Falo com conhecimento de causa. Nos últimos anos conheci como poucos a realidade da administração desconcentrada e não desconcentrada do Estado Central. Prefiro poupar-vos à aridez do meu testemunho, referindo-me exclusivamente à instituição que dirijo. Não é sério exigir da CCDR-N, com os poderes e recursos de que dispõe - e julgo que igualmente das suas congéneres - mais do que ela hoje dá. Seria como pedir a um motor de determinada capacidade o desempenho e a performance que ele não poderá dar. A CCDR-N é, pela sua própria natureza, um substituto provisório, a incubadora ou o laboratório de outra coisa diferente de si – de uma região administrativa com poderes democraticamente legitimados, com reais capacidades de auto governo, interlocução política e gestão de serviços e recursos próprios.

Repito: só pela criação de democracias regionais, de centros de decisão política alternativos à capital e lideranças legitimadas pelo voto, será possível preencher um vazio cada vez mais sentido no panorama político do país continental.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL

PROMOVER A **COESÃO** DESCENTRALIZAR
O **ESTADO** DESENVOLVER AS **REGIÕES**

Que desafios em Portugal e na Europa?

7 de Julho | 09h00 | Mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto

O anunciado processo de revisão constitucional representa, neste contexto, uma grande oportunidade. A revisão constitucional pode ser a ponte para uma espécie de revisão regional, isto é, dos preceitos constitucionais sobre a forma e o conteúdo da instituição das regiões. Estamos abertos a todos os cenários desde que sejam sérios e construtivos.

Nos anos mais recentes, o Norte amadureceu e está preparado para assumir uma autonomia regional bem temperada. Pouco a pouco, formou-se uma opinião pública – ainda que incipiente – de carácter regional. O Norte foi interiorizando gradualmente a sua condição de região, quer por um sentimento de injustiça a que se considera votada, quer como reacção ao seu evidente estatuto de subalternidade política.

A região Norte, historicamente, fez Portugal. Precisa de se fazer agora a si própria, em fraternidade com as outras regiões, para garantir o seu futuro e cooperar, como sempre fez, com a grande Nação à qual pertence e, ao mesmo tempo, corresponder ao apelo e ao desafio europeu.

Muito obrigado,

Carlos Lage